

À espera das mudanças

ENTREVISTA A MARCOS FAERMAN

Os partidos vão mudar muito depois destas eleições? O apoio da Igreja foi decisivo para o PT crescer como cresceu? E por que Brizola foi massacrado em São Paulo? Essas são algumas das questões propostas no dia 15 que o professor Leôncio Martins Rodrigues — especialista em Ciência Política da Unicamp e da USP e pesquisador do Cedec — responde ao JT.

Por que, no Brasil, se vota de uma forma tão diversa nos vários Estados? O Rio Grande do Sul é Brizola, Lula explode em Pernambuco, Fernando Collor em Alagoas...

A explicação mais imediata está nas características específicas de cada Estado, que podem ser muito diferentes. De modo mais concreto: as estruturas ocupacionais, o nível de escolaridade, os padrões culturais e a distribuição etária do eleitorado são muito discrepantes. Para dar apenas um rápido exemplo relativo ao corpo eleitoral. No Nordeste, 40% do eleitorado têm menos de um ano de instrução. No Sudeste, a porcentagem é de 10% e, em São Paulo, de aproximadamente 3%. Comparando ainda essas regiões polares: no Nordeste, 26% dos eleitores vêm de famílias com renda per capita até 1/4 do salário mínimo, enquanto no Sudeste a porcentagem é de 5%. Além dessas diferenças de natureza estrutural, há outras que dizem respeito à história e à tradição política de cada Estado, à lealdade dos habitantes de cada local etc. **Estas eleições vão mudar o quadro partidário no País?**

A expectativa geral é de uma reformulação partidária. Compartilho também dessa idéia mas penso que ainda é demasiado cedo para prognósticos. Na hipótese de uma derrota de Collor no segundo turno, o PRN tenderá a desaparecer. Os políticos do PMDB e do PFL terão que decidir se tentam oxigenar essas legendas ou se partem para outra. Cada opção terá um custo que não podemos estimar no momento. Já o PSDB e notadamente o PT são organizações que não têm razão para desa-



Rodrigues: influência da Igreja.

parecer, ao contrário do PMDB e notadamente do PFL. Se esses partidos transformarem-se em siglas "malditas" (como a Arena, num passado recente), seus integrantes deverão bater as asas em direção a outros ninhos. Contudo, temos aqui simples especulações.

Como é que o senhor explica a fraca votação de Lula nas cidades em que o PT ganhou as prefeituras há tão pouco tempo?

Não se deve esquecer que as vitórias do PT nas eleições municipais do ano passado resultaram de uma súbita virada do eleitorado indeciso em favor do PT. O eleitorado cativo do PT não seria suficiente para eleger nenhum prefeito. Ocorre que, nas eleições para as prefeituras, em São Paulo e em outras cidades, o PT se beneficiou de um voto de protesto que se dirigiu para os candidatos que pareciam ser a melhor expressão da insatisfação e da oposição ao *status quo*. Minha hipótese é de que, nas eleições do dia 15, em São Paulo, Campinas, Santos e outras cidades, o voto de protesto, em particular o das classes baixas, se dirigiu para outros candidatos, notadamente para Collor. Em Porto Alegre, foi para Brizola. Assim, nessa cidade, é possível que a fraca votação de Lula se deva mais à força tradicional do getulismo e do brizolismo em todo o Estado do que a uma eventual má administração do Olívio Dutra.

O senhor acha que a boa votação de Lula no Nordeste se deve ao fato de a Igreja católica ter jogado pesadamente a favor desse partido, naquela região, principalmente?

No momento, faltam informações para uma melhor avaliação da atuação da Igreja nessas eleições. A favor da hipótese da importância da Igreja na votação obtida por Lula no Nordeste (e também em outras regiões) devem-se salientar os seguintes fatos: primeiro, a esmagadora preferência dos padres, notadamente dos mais jovens, pelo PT; segundo, a presença da Igreja (por intermédio de políticos e dirigentes ligados a entidades católicas) nos escalões dirigentes petistas que faz do PT, em boa medida, um partido social-cristão de esquerda. Apesar desses fatores, não excluo a possibilidade de que o fato de o Lula ser nordestino, um migrante que conseguiu vencer no Sul, tenha ajudado a sua penetração no Nordeste.

E quanto ao espetacular fracasso de Brizola aqui em São Paulo...

O chamado "trabalhismo" sempre teve pequena penetração em São Paulo, desde os tempos do velho PTB. Algumas vezes se levanta a tese de que essa fraca penetração do PTB (sob a roupagem getulista, janguista e agora brizolista) no Estado mais industrializado do País se deveria a uma hostilidade dos paulistas com relação ao Rio Grande do Sul, ou seja, uma persistência da memória da revolução de 32. Não penso que assim seja. Aquele São Paulo "paulista", da década de trinta, não existe mais em razão, entre outras coisas, dos fluxos migratórios. O que caracteriza São Paulo, hoje, é seu cosmopolitismo. A eleição da sr^a Luiza Erundina é um exemplo disso. Por essa razão não creio que se possa explicar a fraca penetração do "trabalhismo" de tipo nacional-populista em São Paulo em função de qualquer sentimento antigaucho. No nível mais imediato, cumpriria destacar a presença de outras lideranças populistas que foram fortes concorrentes ao getulismo e ao janguismo. Refiro-me a Adhemar de Barros e a Jânio Quadros. Atualmente, o PT constitui uma barreira para a penetração de Brizola.